

ENTREVISTA

A TEORIA TEM
TERRITÓRIO:
*o INDEAL e as
epistemologias latino-
americanas em debate*
ENTREVISTA COM
MARCELA CROCE

MARIA CLARA SILVA

Universidade de Brasília
Brasília | Distrito Federal | Brasil
profamariaclarahistoria@gmail.com
orcid.org/0000-0001-6821-9074

WEVERTON BRAGANÇA DO AMARAL

Universidade do Espírito Santo
Vitória | Espírito Santo | Brasil
wevertonba@hotmail.com
orcid.org/0009-0009-7819-6502

O Instituto Interdisciplinario de Estudios e Investigaciones de América Latina (INDEAL), criado em 2006 e sediado na Universidade de Buenos Aires (Argentina), constitui um importante centro de produção e difusão do conhecimento nas ciências humanas. Seu trabalho se orienta por uma perspectiva interdisciplinar, que integra Artes, Educação, História e Literatura no estudo das sociedades latino-americanas. Reunindo pesquisadoras e pesquisadores de diferentes países das Américas e da Europa, o Instituto promove o intercâmbio acadêmico e o debate crítico em torno das identidades, práticas culturais e tradições intelectuais que conformam o pensamento latino-americano. Seus projetos têm buscado compreender o presente e o passado da região em suas dimensões políticas, culturais e epistêmicas, afirmando a articulação entre as diversas áreas das humanidades como princípio para a leitura e interpretação da realidade latino-americana.

À frente do Instituto está a Dra. Marcela Croce, professora de Literatura Latino-Americana na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires e pesquisadora com ampla trajetória no estudo das relações literárias latino-americanas. No cargo de diretora desde 2023, com mandato até 2027. Croce é reconhecida por suas contribuições ao debate sobre a intelectualidade na América Latina, tem se dedicado a investigar suas formas históricas de constituição e as articulações entre Literatura e História na produção do conhecimento.

Seus trabalhos incluem coletâneas como *Historia comparada de las literaturas argentina y brasileña*, a qual já conta com 6 volumes mais um índice onomástico, e de livros como *Latinoamérica: ese esquivo objeto de la teoría*, publicado em 2018 e as traduções de obras historiográficas como *Sobre el autoritarismo brasileño* (2022), de Lilia Schwarcz e *Una historia sin final* (2025), de Carlo Ginzburg. Além desses trabalhos, Croce atuou como professora visitante na Espanha, Itália, Colômbia, México, Chile e Brasil, sendo o último um país ao qual busca um diálogo constante.

Nesta entrevista, procuramos compreender a relevância de instituições como o INDEAL na construção do diálogo entre universidades estrangeiras, bem como o modo como atuam, se organizam e definem seus objetivos ao se constituírem como pontes entre as diferentes realidades que compõem a América Latina. Em especial, buscamos analisar como o Instituto se insere na dinâmica do campo e contribui para a formação e a expansão da produção de conhecimento científico desenvolvida por intelectuais latino-americanos comprometidos com a elaboração de um saber situado em sua própria condição e contexto.

Trata-se, assim, de uma reflexão sobre a possibilidade de construção de uma ciência das humanidades enraizada na região, capaz de reconhecer e reivindicar suas próprias tradições intelectuais, ao mesmo tempo em que problematiza os modos de circulação e legitimação do conhecimento no espaço latino-americano. A entrevista com a professora Marcela Croce insere-se nesse esforço, ao trazer uma perspectiva crítica sobre a formação e a atuação de redes acadêmicas que tensionam a hegemonia epistemológica e propõem outras formas de pensar a história e a produção intelectual na América Latina.

Por fim, expressamos nosso agradecimento à professora Marcela Croce pela generosidade em aceitar o convite e pelo tempo dedicado a esta conversa, que certamente contribui para ampliar o debate sobre a teoria e a prática das ciências humanas na América Latina.

INSTITUTO INTERDISCIPLINARIO DE ESTUDIOS E INVESTIGACIONES DE AMÉRICA LATINA E A INTERNACIONALIZAÇÃO

Maria Clara Silva e Weverton Bragança do Amaral

Professora Marcela Croce, gostaríamos que inicialmente a senhora explicasse como funciona o INDEAL e quais são os objetivos que o Instituto pretende alcançar a partir da internacionalização, aproximando-se dos debates produzidos nos demais países latino-americanos.

Marcela Croce

Como aparece na apresentação da página institucional, o propósito fundamental do INDEAL, enquanto espaço de pesquisa, é o desenvolvimento de “projetos latino-americanistas, isto é, pensados *desde e para a América Latina*, não com uma vontade rigidamente autocentrista, mas sim com um empenho que se mantenha atento a modelos epistêmicos que, enunciados a partir de academias metropolitanas ou de espaços de consagração alheios aos interesses latino-americanos, pretendem pontificar sobre as necessidades ou conveniências de *Nuestra América*”. Nesse sentido, numerosas propostas desenvolvidas desde o início do funcionamento do instituto se inscreveram nesse propósito: reuniões, publicações e projetos sobre o MERCOSUL, sobre os grandes repositórios latino-americanos do século XX, sobre o latino-americanismo dentro e fora da América Latina. Alguns desses objetivos se desenvolvem por meio do Gabinete de Traduções, que é um espaço interdisciplinar com três grandes linhas de trabalho: versões de textos em diversas línguas, a circulação de ideias por meio de editoriais e a tradução intersemiótica.

Para respaldar essas iniciativas, o INDEAL conta com um Comitê de Pesquisadores Convidados, que costumam se envolver em algumas das propostas. Por exemplo, em fevereiro de 2025 coorganizamos com a Università Roma Tre um encontro chamado “Latinoamericanistas a dos bandas”, tomando a analogia do jogo de bilhar, e muitos dos convidados foram membros do comitê: Lilia Moritz Schwarcz e Silviano Santiago pelo Brasil; Jorge Fornet e Zaida Capote por Cuba; Francesca Denegri pelo Peru. A proposta buscava formar duplas entre latino-americanistas de *Nuestra América* e latino-americanistas da Itália que escolhessem um tema, um autor ou um fenômeno em comum, abordando questões literárias, históricas, artísticas e antropológicas.

Maria Clara Silva e Weverton Bragança do Amaral

No site institucional está descrito uma necessidade em se afirmar como um Instituto latino-americano, separando-se do que seria um caráter “americano” ou um “hispano-americano”. Por essa razão, gostaríamos que a senhora comentasse sobre o conceito de América Latina adotada pelo Instituto. Se possível tecer comentários sobre as aplicações desse conceito nos trabalhos e projetos que são desenvolvidos.

Marcela Croce

Para nós, “América Latina” é o nome que permite englobar a maior quantidade de culturas, em contraste com Hispano-América ou Ibero-América. Há alguns anos organizamos uma reunião para discutir esses três termos e percebemos que, na verdade, cada disciplina se identifica mais com um ou com outro. Por exemplo, um colega que trabalha com arquitetura hispano-árabe em nosso país explicava por que Hispano-América lhe parece mais adequada. Mas, para a literatura, a história e a geografia, América Latina tem maior alcance e permite incorporar o Caribe francês (e também o inglês e o holandês que, não sendo latinos, compartilham uma história comum com seus vizinhos antilhanos). Nos alinhamos à linha de Francisco Bilbao e José María Torres Caicedo, que fazem do nome uma insígnia. E rejeitamos a apropriação de “América” como equivalente aos Estados Unidos.

Isso sem perder de vista que uma grande figura dos estudos latino-americanos, como Pedro Henríquez Ureña, em *Las corrientes literarias en la América hispánica*, incorporou o Brasil, apesar de manter o topônimo Hispano-América. Por isso recorremos com frequência à expressão luminosa de José Martí, *Nuestra América*, que é menos específica em termos estritos, mas contém uma carga afetiva e uma vontade inclusiva com as quais nos identificamos melhor.

Maria Clara Silva e Weverton Bragança do Amaral

Pensando especificamente a relação do caráter latino-americano defendido pelo Instituto, qual a importância e os desafios de se abranger países não falantes da língua espanhola, como o caso do Brasil?

Marcela Croce

Como mencionei, retomamos o termo mais amplo para incorporar uma maior variedade de línguas e culturas. A América Latina não pode prescindir do Brasil, e o fato de que os brasileiros usem a língua portuguesa não é um argumento forte para excluí-lo (há um século e um quarto, Martín García Mérou, diplomata argentino no Rio de Janeiro, escreveu um livro esclarecedor sobre isso). O maior país do conjunto, com dimensão continental, é parte da força da América Latina como unidade. Às vezes, o que ocorre é que, enquanto do lado dos hispanofalantes há dificuldade para incluir o Brasil, os próprios brasileiros tendem a se isolar e a se manter como “brasileiristas”. A *Historia comparada...*, que vocês mencionaram no início, é uma forma de desfazer o caminho equivocado da separação. Nela colaboram colegas brasileiros que demonstram um trabalho articulado e uma confiança na união: Lilia Schwarcz, Heloisa Starling, Eduardo Coutinho e outros mais jovens com quem vale a pena formar equipes intelectuais para impulsionar a América Latina que desejamos. Atualmente, no INDEAL há três pós-doutorandos que trabalham temas comparativos entre o Brasil e o restante da América Latina (o ensaio, as canções, os romances distópicos) e duas pesquisadoras recém-formadas que investigam artes plásticas brasileiras.

Maria Clara Silva e Weverton Bragança do Amaral

O INDEAL possui instituições associadas como a Universidade Federal de Goiás (UFG), a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e a Università Ca' Foscari Venezia. Queríamos entender por que essas instituições foram escolhidas, como se estabelece esse diálogo e de que forma a senhora percebe a internacionalização, por exemplo, no caso de pós-graduandos que se deslocam para essas universidades e vêm ao INDEAL (Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de Buenos Aires). Além disso, já há algum tempo ocorre um intercâmbio entre professores, correto? De que maneira esse movimento entre as instituições tem favorecido o estreitamento de laços institucionais e impactado a produção científica na América Latina?

Marcela Croce

Nossa associação com universidades estrangeiras é constante e a consolidamos por meio da assinatura de convênios. Além das instituições que vocês mencionam, fortalecemos vínculos com a Universidade Autônoma do Chile, com a Universidade Roma Tre e com a Universidade de Turim, e estamos planejando um acordo específico com instituições do México, da França e com outras ainda da Itália. Nesse ponto, temos a enorme vantagem de contar com uma Secretaria de Relações Institucionais e Internacionais muito ativa, que acolhe nossas iniciativas, facilita os trâmites e, por sua vez, traz algumas propostas. Graças a esses acordos, desenvolvemos encontros científicos com Veneza (com o apoio da colega e amiga Susanna Regazzoni, por meio do Archivio Scritture Scrittrici Migranti), com Roma Tre (em colaboração com Camilla Cattarulla, com quem levamos adiante a experiência de “A dos bandas”, que durou uma semana e teve um dia dedicado ao Brasil, com convidados de lá) e agora estamos planejando um encontro interdisciplinar em Turim com Emilia Perassi para 2026. Além das viagens que nos permitem conversar diretamente e conhecer o modo de funcionamento de cada universidade, convidamos colegas estrangeiros, haja ou não convênios formais, a integrar o Comitê de Pesquisadores Convidados do INDEAL e o Comitê Acadêmico da revista que estamos lançando agora, *Ayacucho*, cujo primeiro número esperamos ver ainda durante 2025. Também se abriu a possibilidade de que estudantes de pós-graduação realizassem intercâmbios: atualmente temos três doutorandos brasileiros fazendo sua estadia aqui, como vocês bem sabem, além dos pesquisadores e pós-doutorandos que já mencionei. E alguns doutorandos do INDEAL usufruíram das bolsas Erasmus oferecidas pela União Europeia graças a essa rede e à vontade de internacionalização, que faz com que colegas de prestígio dedicados aos estudos latino-americanos se tornem convidados e/ou anfitriões de mobilidades, publicações e todo tipo de colaboração acadêmica.

Maria Clara Silva e Weverton Bragança do Amaral

A senhora traduziu recentemente duas obras de historiadores *Sobre el autoritarismo brasileño* (2022), de Lilia Schwarz e *Una historia sin final: textos, imágenes, reproducciones* (2025), de Carlo Ginzburg, gesto que, de certo modo, também expressa uma forma de mediação e circulação de saberes entre diferentes tradições intelectuais. Como compreende o lugar dessas traduções na consolidação de um pensamento teórico latino-americano? E por que, nesse percurso, a História e os historiadores se tornaram seus interlocutores privilegiados?

Marcela Croce

As duas tradições intelectuais às quais estes livros pertencem são fundamentais para a organização do INDEAL. A primeira, a brasileira, representa um setor cuja integração é essencial para compreender o conjunto latino-americano. Também permite antecipar certos fenômenos, como é o caso dos governos autoritários, que acabam sendo a derivação lógica de determinadas práticas sociopolíticas muito arraigadas, como demonstra muito bem Lilia Schwarcz. A outra, a italiana representada por Ginzburg, integra uma vertente que recorre ao instrumental metodológico da filologia e da iconologia, e cujas implicações repercutem na filosofia, na história textual, na história da arte e na literatura. Eu não diria que se trata simplesmente de um diálogo com historiadores, mas com historiadores que atentam a outras dimensões, que fazem história a partir de materiais e métodos que estão vinculados também a outras áreas das humanidades. E, nos dois casos, estabeleceu-se uma relação extraordinária: Lilia é uma grande amiga, com quem me une um forte afeto, e Carlo é uma referência enorme, com quem mantenho um diálogo sempre iluminador, além de muito afetuoso também.

PRODUÇÃO EDITORIAL E INTELECTUAL DO INDEAL

O INDEAL mantém uma trajetória significativa de produção e circulação de conhecimento por meio de diferentes projetos editoriais. Entre eles, destacam-se os “Libros del Instituto”, que reúnem uma série de obras produzidas no campo das ciências humanas, abordando questões e debates centrais sobre os processos históricos da América Latina e a própria produção intelectual e teórica latino-americana; o *Boletín Bibliográfico*, atualmente em seu quarto número (2025), que divulga resenhas de livros recentes dedicados à produção intelectual e cultural da América Latina; o “Gabinete de Traducciones Dra. Ana María Barrenechea”, voltado à circulação de ideias e à prática tradutória; e a revista *Historia, Voces y Memoria*, cuja última edição foi lançada em 2019. Mesmo com a pausa da revista, as demais frentes seguem ativas e dão a conhecer uma política de difusão do conhecimento ancorada em múltiplos formatos, temporalidades e práticas intelectuais. Diante desse conjunto de iniciativas, gostaríamos de lhe perguntar:

Maria Clara Silva e Weverton Bragança do Amaral

Em relação às publicações que a senhora organiza, como as coleções *História Comparada da Literatura Argentina e Brasileira* e a *Latino-americanismo*, de que maneira essas obras concretizam o diálogo entre História e Literatura? E como essa interlocução contribui para pensar diálogos possíveis entre os dois campos e como elas ampliam o desenvolvimento das pesquisas realizadas pelo INDEAL?

Marcela Croce

Gosto da pergunta porque justamente essas coleções foram, às vezes, criticadas a partir de perspectivas pouco interdisciplinares e até mesmo de perspectivas que consideram que o comparatismo deve ser aplicado exclusivamente ao domínio europeu, por causa da concepção de história e de literatura sobre as quais se desenvolvem. Por exemplo, a obra *Historia comparada...*, se dizia que ela se ajustava demais à história *tout court*, em vez de adotar critérios propriamente literários, (como se alguma história literária tivesse conseguido sustentar-se algum dia apenas com base em tais critérios). Além disso, condenavam o comparatismo intra-americano, porque, lamentavelmente, em certos setores da academia argentina sustenta-se que a literatura comparada é um método exclusivo para literaturas “centrais”, seja entre elas mesmas, seja entre elas e espaços mais “periféricos” (coloco entre aspas porque entendo que essas classificações são discutíveis e estão impregnadas de uma ideologia ao menos conservadora, quando não com traços reacionários). Estou convencida de que precisamos inovar no aspecto metodológico, porque boa parte da confiança nos estudos latino-americanos depende de organizá-los com um método próprio, em vez de ajustá-los sempre a critérios externos que não contribuem para uma compreensão integral e original do nosso espaço.

Os três volumes de *Latinoamericanismo*, por sua vez, foram pensados sobretudo como uma história na qual se intercalavam episódios de representação e elaboração intelectual. Os livros contêm uma série de fichas históricas, identificadas por letras como a), b), c), etc., ao fim das quais se insere um artigo sobre um livro, um fenômeno ou um autor. E seguem uma ordem cronológica que abrange os séculos XIX e XX (e um pouco do XXI), período independente dos países latino-americanos em geral e momento no qual se produzem os movimentos em torno da ideia de uma América Latina unida, que podem ser simbolizados por pares célebres: Ariel e Calibán, Bolívarismo e Monroísmo, etc.

Maria Clara Silva e Weverton Bragança do Amaral

Pensando nessa produção e na forma como o Instituto se insere nos debates das humanidades, a senhora identifica a existência de certos temas recorrentes, isto é, discussões que retornam periodicamente e permanecem em constante debate e continuidade? Além disso, considerando que essas publicações despertam interesse não apenas pelo Instituto em si, mas também por seu público leitor, poderia nos dizer qual é o público que o Instituto pretende alcançar?

Marcela Croce

O primeiro público ao qual essas publicações se dirigem são os alunos das faculdades de humanidades, mas também aqueles que ainda estão em cursos pré-universitários e, igualmente, os recém-graduados. Sei que essa declaração soa um pouco fora de época diante de tantos “pesquisadores puros” que surgiram nas últimas décadas, mas eu sou, antes de tudo, uma docente. Escolhi ser professora. A pesquisa, para mim, é correlativa ao ensino, e tanto a hiperespecialização quanto o isolamento olímpico em que alguns pesquisadores pretendem se manter em relação aos estudantes me horrorizam, como se pudessem dialogar apenas com seus colegas e não sentissem responsabilidade alguma pela formação dos alunos, exceto para cumprir algum requisito pontual, como orientar uma tese ou completar uma equipe. A docência me permite incorporar os materiais produzidos a partir da pesquisa em uma prática concreta e buscar formar estudantes comprometidos com seu contexto. De maneira nenhuma pretendo fazer doutrinação: apenas torná-los conscientes e responsáveis por sua própria formação, desenvolver seu senso crítico, incentivá-los à crítica. E acredito que é impossível fazer isso com bibliografias que ficam estagnadas ou que, ao contrário, respondem a modas passageiras promovidas por certo colonialismo acadêmico, também é impossível fazê-lo com métodos que se vangloriam de seu prestígio mesmo quando não conseguem demonstrar sua pertinência para objetos para os quais não foram inicialmente previstos.

Maria Clara Silva e Weverton Bragança do Amaral

Ainda sobre os textos já publicados, percebemos que há uma certa presença de temas que atravessam as experiências traumáticas relacionada as ditaduras na América Latina, o que é possível identificar uma certa preocupação em disputar as narrativas desses passados recentes. Como a senhora compreende o papel do Instituto nessa relação e qual a importância da história oral para elaborar os usos dessas memórias coletivas, considerando que o campo da história oral também constitui um dos objetos de análise nas produções publicadas pelo Instituto?

Marcela Croce

Lamentavelmente, o Programa de História Oral (PHO) está em um impasse atualmente, já que aqueles que faziam parte dele deixaram de ter projetos relacionados com a história oral e, por questões regulamentares, não pode existir um programa se não houver ao menos dois projetos da área que permitam sustentá-lo. Por tal motivo, o PHO está inativo há alguns anos e é impossível saber se poderá ser retomado em um futuro mais ou menos próximo.

Maria Clara Silva e Weverton Bragança do Amaral

No caso da revista *Historia, Voces y Memoria*, que está associada ao programa de história oral do INDEAL e cuja última edição foi publicada em 2019, há planos de reativação? Ou o INDEAL pretende apostar em outros modos de difusão, como dossiês digitais ou plataformas de acesso aberto, por exemplo a criação de outras revistas?

Marcela Croce

A revista HVM, como dependia do PHO, também deixou de sair ao ficar em suspenso a continuidade do programa. Se fosse possível, do ponto de vista regulamentar, retomar ambas as iniciativas, a do programa e a da publicação (para o qual deveriam ser radicados no INDEAL projetos dedicados ao tema, de modo que a faculdade avaliasse seu relançamento), a revista teria que iniciar ao menos uma nova época, senão repensar-se completamente. Mas tudo isso é puramente especulativo.

Maria Clara Silva e Weverton Bragança do Amaral

Seguindo a reflexão sobre novos modos de difusão, o *Boletín Bibliográfico*, que chega agora ao seu quarto número, promove a divulgação de resenhas de obras recentes que tratam da produção intelectual e cultural latino-americana. Como surgiu a ideia desse formato e qual tem sido a resposta da comunidade acadêmica e de que maneira experiências como essa dialogam com outras iniciativas do INDEAL voltadas à circulação de ideias, como o “Gabinete de Traducciones Dra. Ana María Barrenchea”?

Marcela Croce

O *Boletim Bibliográfico* surgiu pelo fato de que, quando assumi a direção do Instituto, os recursos humanos e materiais disponíveis não permitiam editar uma revista, e por sua vez tanto o PHO como a publicação HVM ficavam ao menos momentaneamente suspensos pela ausência de projetos de História Oral. Então não era razoável que o INDEAL não tivesse nenhuma publicação, e entendi que o mais adequado era pensar um formato que não exigisse o mesmo trabalho de uma revista e ao mesmo tempo funcionasse como um instrumento de atualização para os leitores. O *Boletim Bibliográfico* se edita semestralmente (segundo a disponibilidade da Subsecretaria de Publicações da faculdade, que é quem o diagrama e o coloca na página) e se ocupa de resenhar publicações de todas as disciplinas humanísticas, em espanhol e em português, editadas durante o último ano calendário. Periodicamente convoca-se os colaboradores, que procedem de todas as partes: às vezes são sugeridos por colegas próximos ao instituto, outras vezes respondem à convocatória aberta que se difunde pelas redes e na página institucional.

Mas agora, como já adiantei, o INDEAL terá finalmente uma revista, cujo primeiro número esperamos ver em 2025. *Ayacucho n. 1* se dedicará aos grandes repositórios latino-americanos dos séculos XX e XXI: a Biblioteca Americana (criada em 1945 no México), a Biblioteca Ayacucho (fundada em 1974 em Caracas) e a Coleção Archivos (estabelecida pela UNESCO em 1983 e ainda ativa). A revista também conta com um comitê acadêmico prestigioso, terá periodicidade anual e, além de um dossiê especializado, contará em cada número com uma seção chamada “Iniciação à pesquisa”, que aspira integrar graduados recentes e acadêmicos que se dediquem a temas latino-americanos.

Maria Clara Silva e Weverton Bragança do Amaral

Poderia nos situar quanto ao lugar que o “Gabinete de Traducciones” ocupa dentro do INDEAL? O texto de apresentação menciona que o Gabinete surge de uma “vontade múltipla de repor as estratégias e os modos de circulação de ideias na América Latina”. Como essa “vontade múltipla” foi articulada dentro do INDEAL? Houve um diagnóstico prévio sobre lacunas na circulação de ideias humanísticas na região? E por que o nome de Ana María Barrenechea foi escolhido para batizar o Gabinete? Há uma relação simbólica ou conceitual entre a trajetória dela e os propósitos do projeto?

Marcela Croce

O Gabinete de Traduções é o projeto interdisciplinar que procura reunir todas as áreas envolvidas no INDEAL. Inicialmente não tinha um nome próprio, mas depois ocorreu o seguinte: eu queria batizar o instituto com o nome de Ana María Barrenechea, mas a faculdade não o permitiu. Não vou dar detalhes de toda a situação, que me parece bastante penosa e revela um lado muito pouco humanístico de certos setores de uma instituição dedicada às humanidades. O certo é que, ao ver-me impedida de utilizar o nome para o instituto, resolvi empregá-lo para aquele setor do INDEAL cuja designação não exigia nenhuma consulta. Ana María Barrenechea foi uma figura extraordinária que as novas gerações não conhecem ou conhecem apenas em alguma de suas dimensões, porque leem algum trabalho seu sobre categorias gramaticais ou porque acessam seu brilhante artigo sobre a literatura fantástica. Sua trajetória é incrível: formou-se no Instituto del Profesorado (seu pai considerava, em 1930, que a Facultad de Filosofía y Letras não era um lugar apropriado para damas...) e aposentou-se como professora da Universidade de Columbia. Na década de 1960 foi simultaneamente professora titular de Gramática e de Introdução à Literatura, as duas disciplinas iniciais mais importantes e mais numerosas da carreira de Letras. Teve uma conduta cívica impecável que a levou a renunciar diante das intervenções sobre a universidade, durante os governos de fato. E dirigiu durante mais de duas décadas (não consecutivas) o Instituto de Filología, no qual lamentavelmente não há nada que a recorde de forma explícita. O nome de Barrenechea, capaz de fazer uma proposta gramatical tanto quanto de discutir com Tzvetan Todorov sobre a definição da literatura fantástica e exigir a inserção da América Latina ali, é irrepreensível. Também é autora do primeiro livro orgânico sobre Borges. Que melhor nome que o seu para o Gabinete de Traduções?

O gabinete tem três linhas. Uma que se refere às versões possíveis de textos em outra língua e às reflexões a esse respeito, sempre desde uma perspectiva latino-americana. Como se têm traduzido autores estrangeiros na América Latina, por exemplo, e, inversamente: que autores latino-americanos têm sido traduzidos a outras línguas, em que contexto, com que efeitos. Uma segunda linha se refere à circulação de ideias através de empresas editoriais, tanto selos como revistas: por exemplo, o papel dos espanhóis que traduzem filosofia e filologia alemãs na América Latina através do Fondo de Cultura Económica nos anos 50 e 60, a função de século XXI difundindo o estruturalismo no continente, etc. E finalmente uma linha de traduções intersemióticas que se refere a modos de articulação entre literatura e artes plásticas, entre filosofia e poesia, e outras combinações. Como o gabinete está incluído na página web do

instituto, abaixo do desdobramento de cada linha insere-se um repositório ainda pequeno de produções. A ideia é que siga crescendo, tanto na quantidade de textos que possam ser publicados em nossa página como nas iniciativas e nas equipes que forem se somando.

Maria Clara Silva e Weverton Bragança do Amaral

De que maneira o “Gabinete de Traducciones” pensa a relação entre as traduções produzidas na América Latina e aquelas que circulam sobre a América Latina desde centros europeus ou norte-americanos? Já que o texto enfatiza que não se trata de estudar a tradução ou a circulação em geral, mas especificamente no contexto latino-americano. Quais critérios orientam essa delimitação?

Marcela Croce

Como o gabinete se ocupa tanto de intradução como de extradução, todas essas variantes são contempladas, mas de maneira crítica. A ideia é analisar como tais traduções foram feitas, com que variantes linguísticas, em que contexto, quais foram seus modos de circulação, se registraram efeitos imediatos ou não. O gabinete é tanto um espaço para fazer traduções (e disponibilizar textos que ainda não circulam em espanhol ou em português) como para estudar traduções realizadas em diferentes épocas e zonas. Algo que ainda não resolvemos de maneira satisfatória é a representação das línguas indígenas, mas confiamos que pouco a pouco elas serão integradas ao conjunto.

Maria Clara Silva e Weverton Bragança do Amaral

O INDEAL trabalha em articulação com outras universidades da América Latina, incluindo parcerias com instituições brasileiras. Considerando essa dimensão colaborativa, o Instituto menciona que o Gabinete busca “fornecer versões fiáveis e atualizadas de textos para seu uso em cursos de graduação e pós-graduação”. Poderia nos explicar como essas traduções são efetivamente utilizadas no dia a dia dos cursos? Por exemplo, elas servem como material de leitura obrigatória, suporte para seminários, fontes para discussões interdisciplinares, ou de outras maneiras?

Marcela Croce

Por exemplo: eu ministro uma disciplina que se chama Problemas da Literatura Latino-Americana, na qual se estuda, entre outras coisas, a necessidade de incluir textos brasileiros na área latino-americana (tendo em conta que existe uma disciplina que é Literatura Brasileira, que a aparta da América Latina e pretende, ao menos curricularmente, que fique desgarrada do espaço que eu entendo que lhe corresponde). Mas os alunos habitualmente não têm domínio do português para ler João do Rio, os cronistas brasileiros da primeira metade do século XX, Lima Barreto, os autores que temos selecionado em diversos programas. Então a cátedra deve fornecer-lhes traduções que sejam efetivamente confiáveis (tem ocorrido conosco que as traduções de Lima Barreto não são boas, que por exemplo traduzem “violão” como “violón”, coisa que não existe, em vez de “guitarra”, e assim sucessivamente, quando não cometem erros

contextuais mais graves), e nada melhor do que fazê-las em um marco no qual esses aspectos são levados em conta de maneira crítica. Por sua vez, a ideia é colaborar com outras disciplinas e cursos que demandem textos em espanhol de diversas procedências. Para isso o gabinete convida especialistas em várias línguas, o que por sua vez nos permite estudar outros pontos pendentes, que posso apresentar muito brevemente: a circulação de Gramsci na América Latina tem que vincular-se tanto com filósofos como com especialistas em italiano; algo similar ocorre com o francês para avaliar o impacto de Sartre; com o alemão para investigar Marcuse, etc.

HORIZONTES E CONTRIBUIÇÕES PARA AS HUMANIDADES LATINO-AMERICANAS

Para encerrar nossa conversa, gostaríamos de refletir sobre o impacto e os horizontes futuros do INDEAL. À medida que discutimos a fundação do Instituto, seu processo de internacionalização, a produção editorial, as traduções e as articulações acadêmicas, surge também a questão de como o Instituto percebe e avalia o efeito de todas essas iniciativas na formação de pesquisadores, na consolidação de redes acadêmicas e no fortalecimento da produção intelectual latino-americana.

Maria Clara Silva e Weverton Bragança do Amaral

Como o INDEAL pretende medir ou avaliar o impacto de suas atividades, seja na circulação de ideias, na formação acadêmica ou na consolidação de uma rede de humanidades latino-americanas?

Marcela Croce

A verdade é que a medição do impacto é algo que não sabemos bem como considerar. Penso nas medições de impacto que fazem certos organismos ou agências que se dedicam a isso, que na verdade não conseguem verificar demasiadas coisas: se uma revista tem muitas visitas, alguém efetivamente a leu? Se um artigo foi descarregado muitas vezes, quem garante que boa parte delas não tenha sido somente para extrair a bibliografia com vistas a apresentar um novo projeto sobre o tema? É tudo demasiado relativo, quase diria pouco sério. Uma atividade divulgada pelo Instagram pode ter 300 likes quando é promovida, mas depois somente assistem 50 pessoas. O mesmo ocorre com as gravações de eventos: registram centenas de visitas, mas seguramente muitas delas são para ver um único segmento. Por isso preferimos nos guiar pelo que podemos comprovar. Então, o impacto que admitimos é aquele que nos chega através do diálogo com colegas e alunos, aquele que detectamos no interesse por parte dos jovens em se inscrever ao INDEAL, na aceitação imediata que obtêm nossos convites a colegas estrangeiros para formar parte de comitês, na discussão efetiva com algumas ideias que denota uma leitura precisa dos textos nos quais foram expostas. Nesse sentido podemos falar de redes crescentes, já que nos últimos anos todos esses vínculos foram se ampliando e se fortalecendo. Por suposto que é uma tarefa que nunca termina, porque sempre é ideal somar mais gente, sobretudo de espaços que nos seguem sendo alheios e esquivos, como o Caribe

não hispânico, para tomar um exemplo. Também nos interessa o estudo das humanidades latino-americanas tal como se faz em academias com as quais ainda não existem relações, como as da Ásia e Oceania, ou dos países eslavos, ou do Canadá (ultimamente estamos vendo a possibilidade de estabelecer um convênio com alguma universidade canadense).

Maria Clara Silva e Weverton Bragança do Amaral

Finalmente, o que a diretora imagina que o INDEAL possa representar, em termos simbólicos e políticos, para o fortalecimento da produção intelectual latino-americana hoje?

Marcela Croce

Minha expectativa é que o INDEAL se converta em um espaço de referência dentro das humanidades latino-americanas. Desde há dois ou três anos estou instalando uma questão metodológica a esse respeito, que propõe abordar todas as humanidades com um método que combine elementos filológicos, sociológicos, históricos, filosóficos, antropológicos e artísticos, atendendo sempre às condições editoriais que nos permitem acessar os textos nos quais constam tais possibilidades. Minha ideia de interdisciplinaridade não é servir-se de métodos ou produtos de outras disciplinas para favorecer a própria ou operar em um sentido único, mas valer-se de tais ferramentas para produzir simultaneamente avanços no conhecimento de todas essas áreas. Sei que é difícil, que há muitas resistências profissionais e muitos desafios epistemológicos, mas também vejo que, quando se adverte o potencial de um trabalho dessa índole, aparece o entusiasmo para prová-lo e praticá-lo. Minha iniciativa com a metodologia das humanidades se produz sobretudo por meio de seminários de pós-graduação e doutorado, e às vezes também mediante considerações nos cursos de graduação, porque sou consciente de que uma das tarefas pendentes, na qual o INDEAL está intensamente envolvido, é a formação de equipes intelectuais. Já Ángel Rama se lamentava da carência delas há cinquenta anos; não pode ser que continuemos do mesmo modo. É urgente entusiasmar colegas e alunos na criação desses grupos de trabalho e tirá-los de uma especialização malsã que não tem gerado mais que conflitos, rivalidades e impossibilidade de oferecer visões de conjunto, fundamentações integrais e soluções úteis para a maioria dos problemas. Durante a Reforma Universitária na Argentina, no longínquo 1918, um diagnóstico chave era que “o puro universitário é uma coisa monstruosa”, isolado da realidade social circundante. Creio que igualmente monstruoso é o hiperespecialista. Nesse rumo de nos livrarmos de tais pressões é que andamos.

REFERÊNCIAS

- CROCE, Marcela (Org.). *Latinoamericanismo. Canon, crítica y géneros discursivos*. Buenos Aires: Corregidor, 2013.
- CROCE, Marcela (Org.). *Historia comparada de las literaturas argentina y brasileña*. Volume 1: De la Colonia a la organización nacional. Prolegómenos e inflexiones mayores de la literatura independiente. Buenos Aires: Edivim, 2015.

- CROCE, Marcela (Org.). *Historia comparada de las literaturas argentina y brasileña*. Volume 6: Del neoliberalismo al MERCOSUR: crítica e industrias culturales (1970-2010). Buenos Aires: Eduvim, 2019.
- CROCE, Marcela (Org.). *Historia comparada de las literaturas argentina y brasileña*. Volume 3: De la crisis bursátil al nacionalismo católico (1890-1922). Buenos Aires: Eduvim, 2017.
- CROCE, Marcela (Org.). *Historia comparada de las literaturas argentina y brasileña*. Volume 5: Del desarrollismo a la dictadura, entre privatización, boom y militancia (1955-1970). Buenos Aires: Eduvim, 2018.
- CROCE, Marcela (Org.). *Historia comparada de las literaturas argentina y brasileña*. Volume 2: Del romanticismo canonizador a la República oligárquica (1945-1890). Buenos Aires: Eduvim, 2016.
- CROCE, Marcela (Org.). *Historia comparada de las literaturas argentina y brasileña*. Volume 4: De la vanguardia a la caída e los gobiernos populistas (1922-1955). Buenos Aires: Eduvim, 2017.
- CROCE, Marcela. *Latinoamérica: esse esquivo objeto de la teoría*. Buenos Aires: teseopress, 2018.
- GINZBURG, Carlo. *Una historia sin final*. Trad. Marcela Croce. Buenos Aires: Ampersand, 2025
- Instituto Interdisciplinario de Estudios e Investigaciones de América Latina. Gabinete de traducciones: "Dra. Ana María Barrenechea". [s.d.]. Disponível em: [Gabinete de traducciones: "Dra. Ana María Barrenechea" | Instituto Interdisciplinario de Estudios e Investigaciones de América Latina](#). Acesso em 19/10/2025.
- Instituto Interdisciplinario de Estudios e Investigaciones de América Latina. Instituciones Asociadas [s.d.]. Disponível em: [Instituciones asociadas | Instituto Interdisciplinario de Estudios e Investigaciones de América Latina](#). Acesso em 20/09/2025.
- Instituto Interdisciplinario de Estudios e Investigaciones de América Latina. Publicaciones [s.d.]. Disponível em: [Publicaciones | Instituto Interdisciplinario de Estudios e Investigaciones de América Latina](#). Acesso em 29/09/2025.
- Instituto Interdisciplinario de Estudios e Investigaciones de América Latina. Institucional. [s.d.]. Disponível em: [Institucional | Instituto Interdisciplinario de Estudios e Investigaciones de América Latina](#). Acesso em 20/09/2025.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre el autoritarismo brasileño*. Trad. Marcela Croce. Buenos Aires: Eduvim, 2022.

LA TEORÍA TIENE TERRITORIO: EL INDEAL
Y LAS EPISTELOGÍAS LATINOAMERICANAS EN DEBATE
Entrevista con Marcela Croce
recebida em 18/11/2025 • Aceita em 26/03/2026
Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado